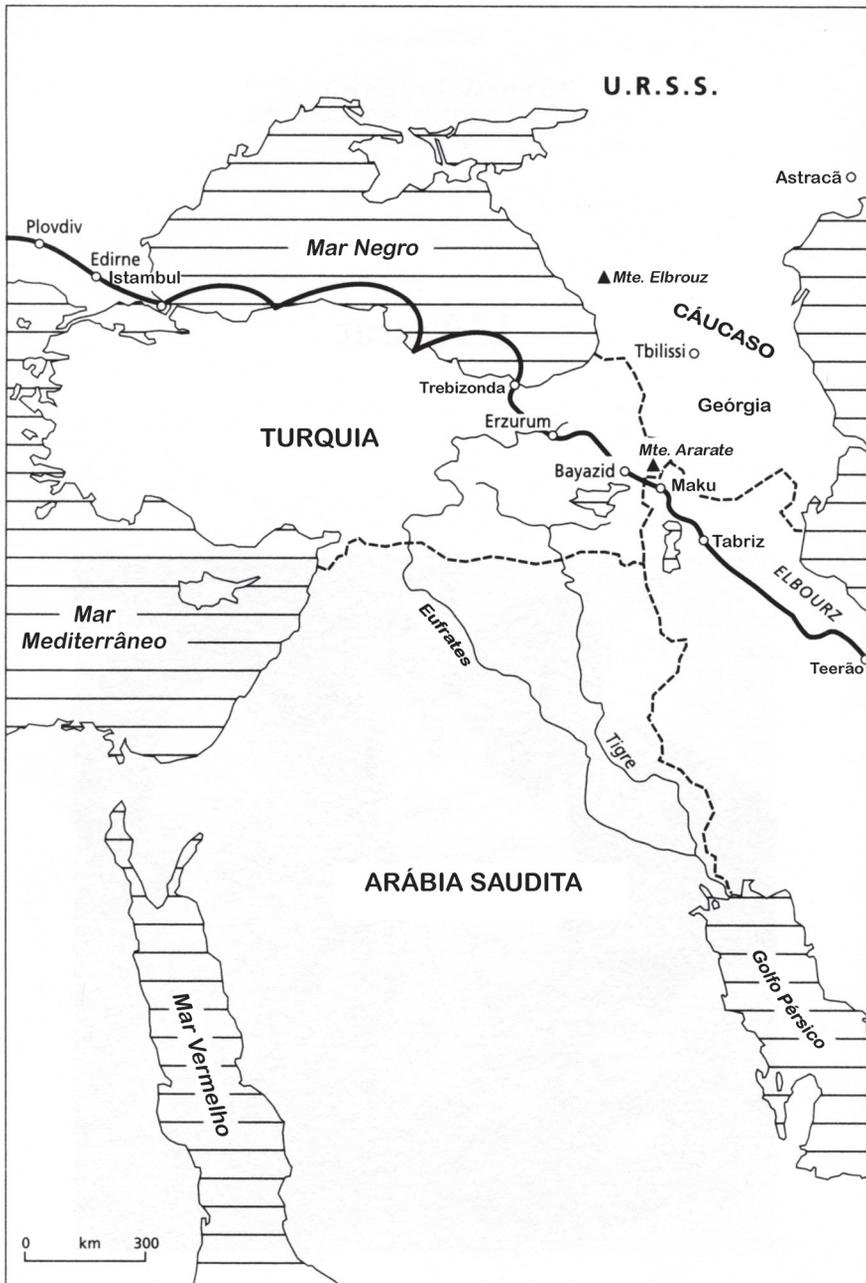


Índice

O Ararate	
As Fronteiras dos Balcãs	13
Therapia	19
Trebizonda: o Adeus ao Mar	25
O Ararate	31
A Estepe	
A Estepe	37
Os Prisioneiros	43
Terra de Ninguém. Entre a Pérsia e o Afeganistão	49
As Mulheres de Cabul	
Herat, 1 de Agosto de 1939...	57
Três Vezes o Hindu Kush	61
No Jardim das Belas Raparigas de Qaisar	69
As Mulheres de Cabul	75
A Margem do Oxus	
A Aldeia Vizinha	83
A Margem do Oxus	91
Os Oleiros de Istalif	99
A Viagem a Ghazni	105

Duas Mulheres Sós no Afeganistão	
Duas Mulheres Sós no Afeganistão	111
Chihil Sutun	121
Em Peshawar...	
Em Peshawar...	127
Áden, Uma Visão Matinal	133
A Travessia do Canal de Suez	139
Referências dos Textos	145

O Ararate







As Fronteiras dos Balcãs

Tinham-nos falado das estradas dos Balcãs e nada seria mais fácil e agradável do que escrever um capítulo a esse respeito, agora que o nosso *Ford* superara todas as dificuldades e seguia ao longo da costa da Anatólia, bem instalado na cobertura do vapor turco *Ankara*.

No nosso mapa desenhava-se uma «estrada internacional» que ia de Trieste a Belgrado via Zagreb, depois de Belgrado a Sófia, e de Sófia direita a Istambul. Sem dúvida, existe, essa estrada. Depois da capital da Jugoslávia, houve oitenta quilómetros de asfalto, e até mesmo mais de cem quilómetros entre Lüleburgaz e Constantinopla, seguindo-se longos troços em obras, o que deveria ter-nos reconfortado. Mas onde havia estaleiros, deixava de haver estrada e tínhamos de conduzir pelo meio dos campos. Na Bulgária, indicaram-nos um carreiro de mulas através de um vale fechado, de uma beleza fantástica, e o nosso *Ford* revelou-se tão paciente como uma mula.

Finalmente, depois de Andrinopla, abrimos caminho atravessando uma larga planície, sem vegetação nem água: os camiões e as camionetas de carreira tinham apagado a pista à força de a escavarem, havia muitas pedras e pouco pão, e era já uma sorte que pudéssemos avançar, embora não fizéssemos mais do que oito quilómetros por hora. Mas a faixa amarela da futura estrada

estendia-se diante de nós, avançando a direito como uma flecha e correndo em direção ao horizonte; as tendas brancas dos engenheiros resplandeciam; tinham sido mobilizados centenas de operários, homens, crianças e velhos. Diante das suas carroças esperavam pacientemente cavalos e parselhas de bois, apertados uns contra os outros no calor do meio-dia à beira do caminho árido. O nosso carro deitava fumo, parava diante de sulcos e covas intransponíveis, quase sem fôlego. E, contudo, trabalhava-se duramente na nova Turquia e, a partir de Lüleburgaz, abria-se realmente a «estrada internacional», via sonhada do futuro, que nos conduziu a toda a velocidade ao encontro do azul fresco e velado do mar e das muralhas de Bizâncio...

Mas basta de falar de estradas, uma vez que decidimos não maçar o leitor com os problemas quotidianos do nosso automóvel. Porque nos lançámos sobre *semelhantes* caminhos? A primeira vez que parti para o Oriente, há cinco anos e meio, apanhei o Expresso do Oriente (atravessámos os seus carris e, um dia, até mesmo a longa fila das suas carruagens fechadas) — nesse tempo, os Balcãs eram uma região de uma melancolia uniforme. Mas, agora, na época das colheitas, travávamos conhecimento com *as fronteiras*. Que riqueza, que diversidade e, por outro lado, que ritos tão simples em toda a parte: cozia-se o pão, colhiam-se os frutos, guardavam-se os fenos nos celeiros e os rebanhos pastavam no Simplon, na planície de Treviso, nas margens do Danúbio (que ali recebia o nome de *Dunav*) e nas colinas da Turquia europeia.

Na primeira noite, utilizámos a nossa última moeda suíça para comprar na aldeia de Simplon um pão de centeio muito redondo, que tinha desenhos gravados na côdea escura: um escorpião, signos do zodíaco, letras do alfabeto. Encetáramos esse pão suíço no Piemonte, ao pequeno-almoço, e comemo-lo diante da nossa tenda coberta de orvalho, enquanto à nossa volta os camponeses italianos saíam para o trabalho, com a foice ao ombro;

acabámo-lo na Bulgária, pouco antes da fronteira turca, onde se podem encontrar trigo, rosas e morangos, milho e tomate, mas não pão escuro. Entretanto, consumíramos muitas variedades de pão. Em Itália, as camponesas queixavam-se um pouco mostrando-nos alguns grãos na cova das mãos rudes: «É agora, vamos ter de fazer café com isto!»

Na Eslovénia, numa estalagem da aldeia de Kostanjevica, que outrora se chamava em alemão Landstrass (estrada principal), serviram-nos ao pequeno-almoço um café vienense, leite gordo e *croissants* frescos. A patroa começou a lamentar-se num alemão que era uma perfeita algaraviada: Aqui, noutro tempo era a antiga Áustria e quando os rapazes voltavam do serviço militar vinham feitos «senhores». A imperatriz Maria Teresa possuía em Landstrass um castelo onde cunhava moeda. Destruído pelos Turcos, não deixou o mais pequeno rasto no parque ao abandono. E porquê lamentá-lo? A mulher esclarece-nos: outrora, nos bons velhos tempos, pertencíamos a um grande Reich e possuíamos uma residência magnífica. Embora os caminhos de Kostanjevica fossem os mesmos para as caleches da imperatriz, o nosso automóvel e as carroças dos camponeses jugoslavos, outrora os germanófonos faziam parte da elite da população... E hoje? Ficamos a saber que há alemães — colonos instalados por Maria Teresa, emigrantes e outros — até à Sérvia: nas cidades das antigas guarnições, os empregados de café falam alemão, tal como as vendedoras do mercado de Zagreb. E muitos desses alemães pensam que seria preferível fazerem de novo parte de um grande Reich. O reino dos Habsburgo ficou para trás, é por isso que pode acontecer que na aldeia de Klostar, que possui um belo claustro e uma igreja muito branca de incontestável estilo barroco austríaco, uma aula inteira, com o professor à cabeça, nos saúda com um *Heil Hitler!*... Em contrapartida, enquanto descansamos à sombra da sua cerejeira, uma velha camponesa pergunta-nos: «Minhas senhoras, é verdade que o Hitler vai

chegar até aqui?» A mulher deixou a sua Boémia natal («Os boêmios iam para Eslovénia como os eslovenos para a América»), tem de trabalhar duramente, mas tem que comer e quer que a deixem em paz...

Sim, tem-se que comer na Jugoslávia. Que abundância, todos estes campos semeados, estas pastagens e estas florestas na paisagem de colinas imediatamente a seguir à fronteira italiana e, depois, os imensos campos ondulantes ao longo do Danúbio e até às portas de Belgrado; e os camponeses possuem esplêndidos tiros, cavalos húngaros de um cinzento mosqueado, esbeltos e nervosos, que puxam as suas carroças de feno e de trigo. Os homens vestem coletes de cor por cima da roupa branca, as mulheres usam blusas bordadas e saias rodadas bamboleantes. Ao fim do dia, vemo-los vir dos campos e regressar às aldeias onde bandos de gansos grasnam junto das águas mornas da charca. Oriente? Ocidente? Já não há marcas austríacas características, já não há igrejas barrocas brancas recortadas nas colinas verdes — digamos simplesmente que estamos numa região rural abençoada.

A fronteira búlgara: quase um desfiladeiro, um vale muito estreito e montanhas ao fundo. A estrada está em construção, por isso fazemos um desvio e, assim que passamos a enorme tabuleta isolada que assinala a fronteira, eis-nos no meio de um chamejar de cores: terra vermelha, torrente de montanha, prados verdes, cabeças de gado branco e encostas escavadas. Temos já a impressão de estar na Ásia quando a face iluminada das colinas surge negra e despida de vegetação, ao passo que a face que a sombra cobre é como um oásis cheio de água e verdura!

Alguns dias mais tarde, depois de Sófia, dirigimo-nos para Plovdiv, ou Filipópolis, e atravessamos o célebre «vale das Rosas», onde não encontramos somente campos de rosas bravas, a vaga violeta das alfazemas, um ar suave e cheio de um aroma açucarado, mas também aldeias completamente diferentes. Ves-

tígios da antiga Turquia, homens com bombachas e turbantes de cor, mulheres receosas veladas de negro da cabeça às calças atadas sobre os tornozelos nus — maometanas. Como escravas, vemo-las no dia seguinte nos campos de morangos sob a vigilância autoritária de um «patrão», que vai empilhando as cestas cheias na borda do caminho. Estes seres intimidados e manifestamente desprovidos de direitos farão parte do mesmo povo que as dignas e amáveis camponesas que fiam à porta das suas pequenas casas e que as raparigas de saia vermelha que cantavam quando nos cruzámos com elas?

A paisagem torna-se brutalmente desértica. À direita corre o Maritsa, lá muito ao fundo estende-se a Grécia. Quanto a nós, aproximamo-nos de uma nova fronteira. À beira do caminho pedregoso flutua no céu vespéral a bandeira da Turquia.